

TRILOGIA A SINA DO SETE ❶

NORA ROBERTS

IRMÃOS DE SANGUE





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para meus filhos, que passeavam pela floresta
mesmo quando não deviam.*

“Onde Deus tiver um templo, o demônio terá uma capela.”

– ROBERT BURTON

“A infância revela o homem, assim como a manhã revela o dia.”

– JOHN MILTON

PRÓLOGO

**Hawkins Hollow, província de Maryland
1652**

AQUILO PAIRAVA NO AR, PESADO COMO LÃ MOLHADA SOBRE A CLAREIRA. Ele sentia seu ódio, presente na névoa que serpenteava pelo chão, no calor sufocante da noite. Com a tocha erguida, esperava a coisa se afastar na floresta, atravessando rios e contornando moitas onde pequenos animais se encolhiam temendo o cheiro que exalava.

Fumaça do inferno.

Ele enviara Ann e as vidas que ela carregava no útero para longe, para um local seguro. Ann não tinha chorado, lembrou enquanto borrifava as ervas que escolhera. Mas ele notou a tristeza no rosto dela, nos olhos escuros profundos que amara naquela vida e em todas as anteriores.

Três crianças nasceriam de Ann e seriam ensinadas por ela. E delas, quando chegasse a hora, viriam mais três. Seu poder seria delas, que chorariam pela primeira vez muito tempo depois de aquela noite terminar. Arriscara tudo que tinha para lhes deixar as ferramentas de que precisariam, as armas que empunhariam.

Seu legado para elas era de sangue, coração e visão.

Em sua última hora, faria de tudo para lhes prover o necessário, para que carregassem o fardo e permanecessem verdadeiros. A voz dele foi forte e clara ao evocar o vento e a água, a terra e o fogo. Na lareira, as chamas crepitaram. Na tigela, a água estremeceu.

Ele pôs o jaspe-sanguíneo no pano. O verde profundo era generosamente salpicado de vermelho. Havia guardado a pedra como um tesouro, como fizeram aqueles que vieram antes dele. Honrara-a. E agora despejava poder nela como alguém que despeja água em uma xícara. Seu corpo tremeu, suou e se enfraqueceu quando a luz pairou em um halo em torno da pedra.

– Para vocês – murmurou. – Filhos dos filhos. Três partes de um. Na fé, na esperança, na verdade. Uma luz unida para combater as trevas. Eis meu juramento: não descansarei até o destino ser cumprido.

Com o athame, cortou a palma da mão para seu sangue cair sobre a pedra, a água e o fogo.

– Sangue do meu sangue. Aqui esperarei até virem a mim, até liberarem o que deve ser libertado novamente no mundo. Que os deuses os protejam.

Por um momento, houve tristeza. Não por sua vida, cuja areia descia pela ampulheta. Ele não temia a morte. Não temia o que logo abraçaria. Mas lamentou o fato de que nunca mais beijaria Ann. Não veria seus filhos nascerem, e nem os filhos deles. Lamentou não poder impedir o sofrimento que sentia, assim como não tinha sido capaz de pôr fim ao sofrimento que viera antes, em tantas outras vidas.

Entendia que não era o instrumento, mas apenas o vaso a ser preenchido e esvaziado conforme as necessidades dos deuses. Assim, cansado do trabalho e entristecido pela perda, ficou do lado de fora da pequena cabana, ao lado da grande pedra, para cumprir seu destino.

Ele veio na forma de um homem. Na verdade, a casca de um homem. Como seu próprio corpo era. Chamava-se Lazarus Twisse. Ele e os que o seguiram tinham se estabelecido na vastidão dessa província quando romperam com os puritanos da Nova Inglaterra.

Examinou à luz das tochas esses homens e aquele que não era homem. Era curioso como eles tinham vindo para o Novo Mundo em busca de liberdade religiosa, mas perseguiram e destruíam quem não seguia seu caminho único e estreito.

– Você é Giles Dent.

– Sou – disse ele. – Neste tempo e neste lugar.

Lazarus Twisse deu um passo para a frente. Usava a tradicional roupa preta. Seu chapéu de copa alta e aba larga lhe sombreava o rosto. Mas Giles pôde ver os olhos dele, e neles viu o demônio.

– Giles Dent, você e a mulher conhecida como Ann Hawkins foram acusados e culpados de bruxaria e práticas demoníacas.

– Por quem?

– Tragam a garota para a frente! – ordenou Lazarus.

Eles a puxaram, um homem segurando cada braço. Ela parecia frágil,

com não mais de 16 anos, segundo os cálculos de Giles. Seu rosto estava branco como cera. Os cabelos tinham sido cortados rentes.

– Hester Deale, este é o bruxo que a seduziu?

– Ele e aquela que chama de esposa puseram as mãos em mim – respondeu ela em transe. – Realizaram atos profanos em meu corpo. Vieram à minha janela como corvos e voaram para dentro do meu quarto à noite. Silenciaram minha garganta para eu não poder falar ou gritar por ajuda.

– Criança – disse Giles gentilmente –, o que fizeram com você?

Aqueles olhos inundados de medo fitaram através de Giles.

– Invocaram Satanás como seu deus e cortaram a garganta de um galo em sacrifício. E beberam o sangue dele. Fui obrigada a beber também. Não consegui impedi-los.

– Hester Deale, você renuncia a Satanás?

– Renuncio.

– Hester Deale, você renuncia a Giles Dent e a Ann Hawkins e os condena como bruxos e hereges?

– Sim. – Lágrimas rolaram pelo rosto dela. – Eu renuncio a eles e rezo para que Deus me salve. Rezo para que Ele me perdoe.

– Ele perdoará – sussurrou Giles. – A culpa não é sua.

– Onde está Ann Hawkins? – perguntou Lazarus, e Giles voltou seus olhos cinza-claros para ele.

– Você nunca a encontrará.

– Afaste-se. Vou entrar nessa casa do demônio.

– Você nunca a encontrará – repetiu Giles.

Por um momento, ele olhou para além de Lazarus, para os homens e as mulheres que estavam com ele. Viu a morte nos olhos deles e, mais do que isso, fome. Era o poder e a obra do demônio. Somente nos olhos de Hester Giles viu medo ou tristeza. Então a encarou e dirigiu sua mente na direção da mente dela.

Corra!

Viu-a balançar e cambalear para trás, e depois se virou para Lazarus:

– Nós nos conhecemos. Liberte-os. Deixe isto apenas entre nós.

Por um instante, viu o brilho vermelho nos olhos de Lazarus.

– Você está perdido. Queimem o bruxo! – gritou. – Queimem a casa do demônio e tudo dentro dela!

Eles vieram com tochas e pedaços de pau. Giles sentiu a chuva de golpes

e a fúria do ódio que era a arma mais afiada do demônio. Eles o fizeram se ajoelhar e a madeira da cabana começou a se incendiar e fumar. Gritos ecoavam na cabeça de Giles, a loucura deles.

Com o resto de seu poder, ele tentou alcançar o demônio dentro do homem enquanto ele se alimentava do ódio, do medo e da violência. Sentiu-o se regozijar, sentiu-o *se elevar*, tão certo da vitória e do festim que se seguiria.

Mas Giles o alcançou através do ar fumegante. Ouviu-o gritar de fúria e dor enquanto as chamas lhe mordiam a carne. E o segurou tão perto quanto amantes enquanto o fogo os consumia.

Com essa união, o fogo explodiu, se espalhou e destruiu todos os seres vivos na clareira, ardendo por um dia e uma noite, como o ventre do inferno.

UM

Hawkins Hollow, Maryland 6 de julho de 1987

DENTRO DA COZINHA, EM UMA BELA CASA NA AVENIDA PLEASANT, Caleb Hawkins tentava se acalmar enquanto a mãe empacotava os mantimentos para acampar.

Para ela, garotos de 10 anos precisavam de frutas frescas, biscoitos de aveia caseiros (não eram tão ruins), meia dúzia de ovos cozidos, manteiga de amendoim, um pouco de aipo e palitos de cenoura (argh!), além de substanciosos sanduíches de presunto e queijo.

Depois vieram a garrafa térmica de limonada, a pilha de guardanapos de papel e as duas caixas de biscoitos recheados que ela conseguiu encaixar na cesta para o café da manhã.

– Mãe, não vamos morrer de fome – queixou-se Cal enquanto ela parava pensativamente diante de um armário aberto. – Estaremos bem no quintal dos fundos do Fox.

Isso era uma mentira, e quase o fez morder a língua. Sua mãe nunca o deixaria ir se soubesse a verdade. E, puxa vida, ele tinha 10 anos. Ou teria no dia seguinte.

Frannie Hawkins pôs as mãos nos quadris. Ela era uma loura bonita e inteligente com olhos azuis como o céu de verão e cabelos elegantemente cacheados com um permanente. Tinha três filhos. Cal era seu caçula e único menino.

– Deixe eu dar uma olhada nessa mochila.

Cal suspirou.

– Mãe!

– Querido, só quero me certificar de que você não se esqueceu de nada. – Implacável de seu próprio modo alegre, Frannie abriu o zíper da mochila azul-marinho de Cal. – Roupa de baixo, camisa limpa, meias... muito

bom... shorts, escova de dentes. Cal, onde estão os curativos? E o antisséptico? E o repelente?

– Mãe, nós não vamos para a África!

– Mesmo assim – retrucou Frannie, fazendo seu costumeiro sinal com o dedo para ele ir pegá-los.

Enquanto Cal obedecia, ela tirou um cartão do bolso e o colocou dentro da mochila.

Depois de oito horas de trabalho de parto, Cal havia nascido um minuto depois da meia-noite. Todos os anos Frannie tinha o costume de ir até a cama do filho à meia-noite para observá-lo dormir durante esse minuto.

Cal faria 10 anos e, pela primeira vez, ela não poderia cumprir o ritual. Isso fez seus olhos marejarem. Ao ouvir os passos fortes do filho, ela se virou para limpar o balcão imaculado.

– Já peguei tudo, está bem?

Frannie sorriu alegremente e se virou de novo.

– Está bem.

Ela se aproximou para passar a mão pelos cabelos curtos e macios do filho. Cal fora seu bebê louro, refletiu, mas os cabelos dele estavam escurecendo e suspeitava que acabariam se tornando castanho-claros.

Como os dela seriam sem a ajuda da tintura.

Em um gesto habitual, Frannie deu um empurrãozinho nos óculos de aros escuros de Cal para colocá-los no lugar.

– Não deixe de agradecer à Srta. Barry e ao Sr. O’Dell quando chegar lá.

– Vou agradecer.

– E amanhã, antes de voltar para casa.

– Sim, senhora.

Frannie pegou o rosto dele nas mãos e viu através das lentes grossas os olhos da mesma cor cinza dos olhos serenos do pai.

– Comporte-se – disse ela, e lhe beijou uma bochecha. – E divirta-se. – Depois a outra. – Feliz aniversário, meu bebê.

Geralmente o mortificava ser chamado de *bebê*, mas, por algum motivo, apenas daquela vez, isso o fez se sentir bem e um pouco sentimental.

– Obrigado, mãe.

Cal pôs a mochila nos ombros e depois pegou a cesta de piquenique. Como iria pedalar até a floresta Hawkins com metade da maldita mercearia em cima da bicicleta? Os garotos iam caçoar muito dele.

Como não tinha outro jeito, levou tudo para a garagem onde, por ordem da mãe, sua bicicleta estava cuidadosamente pendurada em um suporte na parede. Ainda refletindo, pegou emprestadas duas cordas de *bungee jumping* do pai e prendeu a cesta de piquenique no cesto de arame da bicicleta.

Depois pedalou pela pequena entrada para automóveis.

• • •

Fox terminou de tirar as ervas daninhas da horta antes de usar o spray que sua mãe preparava todas as semanas para desencorajar cervos e coelhos a invadir o local. Afinal de contas, era a horta da família e não um bufê. A combinação de alho, ovo podre e pimenta-caiena fedia tanto que ele prendeu a respiração enquanto pulverizava as fileiras de feijão-vagem e feijão-de-lima, as batatas, as cenouras e os rabanetes.

Deu um passo para trás e examinou seu trabalho. Sua mãe era muito rigorosa em relação à horta. Tudo tinha a ver com respeitar a terra, se harmonizar com a natureza e esse tipo de coisa.

Fox também sabia que tinha a ver com obter comida e dinheiro suficientes para alimentar uma família de seis pessoas. Por esse mesmo motivo, o pai e Sage, sua irmã mais velha, estavam no estande deles vendendo ovos frescos, leite de cabra, mel e geleias feitas em casa pela mãe.

Olhou de relance para Ridge, seu irmão mais novo. O menino estava entre as fileiras de canteiros, brincando com as ervas daninhas em vez de arrancá-las. Com a mãe dentro de casa pondo a bebê Sparrow para dormir, Ridge era responsabilidade dele.

– Vamos, Ridge, arranque essas ervas estúpidas. Quero ir embora.

Ridge ergueu o rosto e virou seus olhos sonhadores para o irmão.

– Por que não posso ir com você?

– Porque você tem 8 anos e nem consegue arrancar as ervas daninhas da droga do canteiro de tomates!

Irritado, Fox seguiu pelas fileiras de canteiros até onde Ridge estava, se agachou e começou a arrancar as ervas.

– Eu consigo!

Como Fox esperava, o insulto fez Ridge arrancá-las com ímpeto. Fox se apurou e esfregou as mãos em seus jeans. Ele era um garoto alto e magro, com cabelos castanhos fartos e emaranhados emoldurando um rosto

anguloso. Seus olhos castanho-amarelados refletiam agora satisfação enquanto ia buscar o pulverizador.

Atirou-o para perto de Ridge.

– Não se esqueça de pulverizar essa droga.

Atravessou o quintal, contornando o que sobrara da velha cabana de pedra na beira da horta: três paredes e parte de uma chaminé. Estava enterrada em madressilvas e glórias-da-manhã.

Passou pelo galinheiro e pelas aves que ciscavam ao redor, seguiu pelo cercado e por duas cabras indolentes que haviam acabado de ter filhotes, e circundou a horta de ervas da mãe. Dirigiu-se à porta da cozinha da casa quase toda construída por seus pais. A cozinha era grande e os balcões estavam cheios de projetos: potes para conservas, tampas, tubos de cera para velas e tigelas com pavios.

Fox sabia que a maioria das pessoas em Hollow e nos arredores os via como uma família de hippies esquisitos. Isso não o incomodava. Eles costumavam se dar bem com as pessoas e elas ficavam felizes em comprar seus ovos e produtos, os trabalhos de crochê, as velas feitas à mão e o artesanato de sua mãe, ou contratar seu pai para construir coisas.

Fox se lavou na pia antes de procurar nos armários e na grande despensa algo que não fosse comida saudável. *Nadinha*. Iria de bicicleta até o mercado – o de fora da cidade por precaução – e levaria uma parte de suas economias para comprar bolinhos e biscoitos.

A mãe entrou, afastando sua longa trança castanha do ombro exposto pelo vestido de algodão de verão.

– Terminou?

– Sim. E Ridge está quase terminando.

Joanne foi até a janela, erguendo automaticamente a mão para alisar os cabelos de Fox enquanto observava seu filho pequeno.

– Tenho biscoitos de alfarroba e salsichas vegetarianas se quiser levar.

Eca.

– Não, obrigado. Não precisa.

Fox sabia que a mãe sabia que ele andava comendo produtos animais e açúcar refinado. E sabia que a mãe sabia que ele sabia. Mas ela não ia brigar com ele por causa disso. Para a mãe, as escolhas eram importantes.

– Divirta-se.

– Vou me divertir.

– Fox? – Ela permaneceu perto da pia, com a luz que vinha da janela formando um halo ao redor de seus cabelos. – Feliz aniversário.

– Obrigado, mãe.

Pensando nos bolinhos, ele saiu para pegar a bicicleta e começar sua aventura.

• • •

O velho ainda dormia quando Gage pôs alguns mantimentos em sua mochila. Ouviu o ronco dele através das paredes finas e de baixa qualidade do exíguo apartamento sobre o boliche Bowl-a-rama. O velho trabalhava lá limpando o chão, os banheiros e o que mais o pai de Cal lhe arranjasse para fazer.

Gage podia estar a um dia de seu décimo aniversário, mas já sabia por que o Sr. Hawkins mantinha o velho empregado supostamente como encarregado da manutenção do prédio e os deixava ficar no apartamento sem pagar aluguel. O Sr. Hawkins era bom, principalmente com Gage, o pobre menino sem mãe e com um pai bêbado.

Outras pessoas também sentiam pena dele, e isso o incomodava. Mas o Sr. Hawkins não. Ele nunca havia demonstrado pena. E sempre que Gage realizava alguma tarefa na pista de boliche, ele lhe pagava em dinheiro, por fora, com uma piscadela conspiratória.

Todos sabiam que Bill Turner volta e meia agredia o filho. Mas o Sr. Hawkins era o único que já havia sentado com Gage e lhe perguntado o que *ele* queria. Queria que chamasse a polícia ou o serviço social, ou talvez ficar com ele e sua família por um tempo?

Gage descartou as três opções. Incluir a polícia ou o serviço social na história só pioraria tudo. E, embora desse tudo para viver naquela casa bonita com pessoas que tinham vidas decentes, só pedira para o Sr. Hawkins não despedir seu velho.

Ele ficaria a salvo enquanto o pai estivesse trabalhando. O problema era quando o bom e velho Bill saía para a farra. O Sr. Hawkins chamaria a polícia se soubesse quanto as coisas se tornavam ruins nesses momentos. Assim, ele simplesmente não lhe contava, e aprendeu a ser muito bom em esconder as marcas de surras como a da noite anterior.

Gage se moveu cautelosamente ao pegar três cervejas do pai. Os feri-

mentos em suas costas e nas nádegas ainda doíam e ardiam como fogo. Ele esperara a surra. Sempre levava uma perto do aniversário e outra perto da data do falecimento de sua mãe. Em outras ocasiões, vinham de surpresa. Mas quando o velho tinha um emprego fixo, geralmente essas agressões se limitavam a uma bofetada ou um empurrão.

Ele não se deu o trabalho de ficar em silêncio ao se virar na direção do quarto do pai. Apenas um tanque de guerra acordaria Bill Turner quando estava bêbado. O quarto fedia a suor, cerveja e cigarro, fazendo Gage contrair seu belo rosto. Ele pegou na cômoda o maço de cigarros pela metade. O velho não se lembraria se tinha algum, portanto não haveria problema.

Sem nenhum escrúpulo, abriu a carteira do pai e apanhou três notas de 1 dólar e uma de 5 dólares. Olhou para o pai enquanto as enfiava em seu bolso. Bill estava esparramado na cama, usando apenas cuecas boxer, com a boca aberta e roncando.

O cinto que usara para agredir o filho na noite anterior jazia no chão junto com camisas sujas, meias e uma calça jeans. Por um momento, Gage se visualizou com uma espécie de alegria insana pegando o cinto, balançando-o alto e batendo com força na barriga nua e flácida do pai.

Veja se você gosta disso.

Mas ali sobre a mesa, perto do cinzeiro cheio e da garrafa vazia, estava o retrato da mãe de Gage sorrindo. As pessoas diziam que ele se parecia com ela. Tinha os mesmos cabelos escuros, os olhos verdes enevoados e a boca era uma linha determinada. Antes isso o constrangia, ser comparado com uma mulher. Mas nos últimos tempos, quando não conseguia ouvir a voz da mãe em sua mente ou se lembrar do cheiro dela, isso o fortalecia.

Ele se parecia com sua mãe.

Às vezes imaginava que o homem que se embebedava todas as noites até ficar em um estado de torpor não era seu pai. Seu pai era inteligente, corajoso e um tanto arrojado. E então olhava para o velho e sabia que tudo aquilo era besteira.

Deu uma banana para o velho canalha ao sair do quarto. Tinha que carregar sua mochila na mão. Não havia como pô-la nas costas por causa dos machucados. Desceu a escada externa e foi até os fundos, onde guardava acorrentada sua bicicleta de terceira mão. Apesar da dor, sorriu ao montar nela.

Pelas próximas 24 horas, estaria livre.

• • •

Eles haviam combinado de se encontrar no extremo oeste da cidade, onde a floresta se estendia na direção da curva da estrada. O garoto de classe média, o hippie e o filho do bêbado.

Faziam aniversário no mesmo dia, 7 de julho. Cal dera seu primeiro berro na sala de parto do Washington County Hospital enquanto sua mãe ofegava e seu pai chorava. Fox chegara ao mundo e às mãos do pai sorridente que o esperava no quarto da pequena casa de fazenda enquanto Bob Dylan cantava “Lay, Lady, Lay” no toca-discos e velas com perfume de lavanda ardiam. E Gage havia se debatido e saído de sua mãe apavorada em uma ambulância que disparava pela Maryland Route 65.

Gage chegou primeiro, desmontou de sua bicicleta e a empurrou por entre as árvores, onde ninguém poderia vê-la. Então se sentou no chão e acendeu seu primeiro cigarro da tarde. Os cigarros sempre o deixavam um pouco nauseado, mas o desafio de acender um compensava o mal-estar.

Ficou sentado fumando na floresta sombria e se imaginou em uma trilha numa montanha no Colorado ou numa selva brumosa na América do Sul.

Em qualquer lugar menos ali.

Tinha dado sua terceira baforada e sua primeira cuidadosa tragada quando ouviu o sacolejar de pneus sobre a terra e as pedras. Fox passou pelas árvores na Raio, sua bicicleta, assim chamada em virtude dos raios que seu pai pintara nela.

Seu pai era bom nesse tipo de coisa.

– Oi, Turner.

– O’Dell.

Gage estendeu o cigarro. Fox só o aceitou para não parecer um otário. Ele deu uma rápida tragada e o devolveu. Gage apontou com a cabeça para a mochila amarrada no guidom da Raio.

– O que você trouxe?

– Sanduíches, biscoitos, algumas tortinhas. De maçã e cereja.

– Muito bom. Eu trouxe três latas de cerveja para esta noite.

Os olhos de Fox se arregalaram.

– Não vai ter problemas por causa disso?

– Sem problemas. O velho estava um bagaço. Nunca vai notar. Também trouxe outra coisa: a revista *Penthouse* do último mês.

– Sério?

– Ele guarda essas revistas debaixo de um monte de porcarias no banheiro.

– Eu quero ver!

– Mais tarde. Com a cerveja.

Ambos olharam enquanto Cal empurrava a bicicleta pelo caminho acidentado.

– Oi, cabeça de ameba – cumprimentou-o Fox.

– Oi, cabeças de ameba.

Eles falaram com um afeto fraternal e empurraram suas bicicletas mais para dentro da floresta e depois para fora da trilha estreita. Quando acharam que as bicicletas estavam seguras, os mantimentos foram desamarrados e divididos.

– Caramba, Hawkins, o que sua mãe pôs aí?

– Vocês não vão se queixar quando comerem. – Os braços de Cal já protestavam contra o peso quando ele olhou carrancudo para Gage. – Por que você não coloca sua mochila nas costas e me ajuda?

– Porque eu a estou carregando – respondeu ele, mas deu um peteleco na tampa da cesta e, depois de assoviar, tirou alguns alimentos e começou a colocá-los em sua mochila. – Ponha alguma coisa na sua, O’Dell, ou levaremos o dia inteiro só para chegar ao lago Hester.

– Tá bom!

Fox pegou uma garrafa térmica e a guardou.

– Agora está leve o suficiente, mocinha?

– Vá se danar. Estou com a cesta e minha mochila. – Fox tirou seus preciosos bens da bicicleta. – Você carrega o rádio, Turner.

Gage encolheu os ombros e o pegou.

– Então eu escolho as músicas.

– Nada de rap! – disseram Cal e Fox juntos, mas Gage apenas sorriu enquanto andava e procurava emissoras até encontrar uma tocando Run-DMC.

Com muitos lamentos e resmungos, os três começaram a caminhada. As folhas, densas e verdes, impediam a entrada da luz e do calor do sol de verão. Por entre os muitos choupos e altos carvalhos, espreitavam faixas de céu azul leitoso. Eles foram em busca do frescor do riacho enquanto o rapper e Aerosmith os encorajavam a andar naquela direção.

– Gage trouxe uma *Penthouse* – anunciou Fox.
– Trouxe o quê?
– É revista de mulher pelada, idiota – disse ele ao ver o olhar vazio de Cal.

– Tá.

– “Tá.” Vamos, Turner, abra-a.

– Só depois de acamparmos e abrirmos a cerveja.

– *Cerveja!* – Cal olhou instintivamente por cima do ombro, só para conferir se sua mãe não aparecera como em um passe de mágica. – Você trouxe cerveja?

– Três latas – confirmou Gage, se empertigando. – Cigarros também.

– Isso não é o máximo? – Fox deu um soco no braço de Cal. – É o melhor aniversário de todos.

– De todos – concordou Cal, secretamente apavorado.

Cerveja, cigarros e fotos de mulheres nuas. Se sua mãe algum dia descobrisse, ele ficaria de castigo até completar 30 anos. Isso sem contar o fato de ter mentido. Ou de estar andando pela floresta Hawkins para acampar na expressamente proibida Pedra Pagã.

Ele ficaria de castigo até morrer de velhice.

– Pare de se preocupar.

Gage trocou sua mochila de braço com um brilho perverso no olhar, como se dissesse: “O que diabo você tem?”, e acrescentou:

– Está tudo bem.

– Não estou preocupado.

Ainda assim, Cal se sobressaltou quando um gaio saiu rapidamente das árvores dando um grito irritado.

DOIS

OLAGO HESTER TAMBÉM ERA PROIBIDO PARA CAL, UM DOS MOTIVOS para ser irresistível. Diziam que o lago, alimentado pelo sinuoso riacho Antietam e oculto na densa floresta, era assombrado por uma estranha jovem peregrina que se afogara ali havia muito tempo.

Ele tinha ouvido a mãe falar de um rapaz que morrera no lago quando ela era criança, o que na lógica materna era o principal motivo para Cal *nunca* ter permissão de nadar naquele lugar. Algumas pessoas alegavam que o fantasma do garoto também estava lá, debaixo da água, à espreita, só esperando para agarrar o tornozelo de crianças e arrastá-las para o fundo a fim de ter companhia.

Cal nadara ali duas vezes naquele verão, zozinho de medo e excitação. Nas duas vezes *jurara* ter sentido dedos ossudos roçando seu tornozelo.

Um denso exército de tóxicos se agrupava nas margens, e na ribanceira es-corregadia cresciam os lírios selvagens cor de laranja de que sua mãe gostava. Samambaias subiam pela encosta rochosa, junto com frutos silvestres que, quando maduros, deixavam manchas nos dedos de um tom de vermelho-arroxeadado que lembrava sangue.

Na última vez em que vieram, ele vira uma cobra negra deslizando encosta acima, mal movendo as samambaias.

Fox deu um grito e largou sua mochila. Tirou os sapatos, a camisa e os jeans em segundos e se lançou na água como uma bala de canhão, sem pensar em cobras, fantasmas ou no que mais pudesse haver sob aquela superfície marrom turva.

– Venham, meninas!

Depois de um ágil mergulho, Fox nadou no lago como uma foca. Cal se sentou, desamarrou seus tênis e enfiou cuidadosamente as meias dentro deles. Enquanto Fox continuava a gritar e chapinhar na água, Cal olhou para onde Gage estava, apenas contemplando a água.

– Você não vai entrar?

– Não sei.

Cal tirou a camisa e a dobrou, por força do hábito.

– Mas foi o que combinamos! Só podemos riscá-lo da lista se todos nós entrarmos.

– Sim, sim.

Mas Gage continuou lá enquanto Cal se despia, ficando apenas de cueca.

– Todos nós temos que entrar, desafiar os deuses e essas coisas.

Gage encolheu os ombros e tirou seus sapatos.

– O que você é, um maricas? Quer me ver tirando a roupa?

– Idiota.

Cal tirou os óculos e os guardou dentro de seu tênis esquerdo. Prendeu a respiração, deu graças por sua visão fraca e pulou.

A água lhe causou um choque rápido e frio. Fox imediatamente jogou água em seu rosto, cegando-o totalmente, e depois foi na direção das tifas antes da retaliação. Justamente quando Cal conseguiu limpar seus olhos míopes, Gage pulou na água e o cegou de novo.

– Droga!

O nado cachorrinho de Gage espirrava água, e Cal se afastou dele. Dos três, ele era o melhor nadador. Fox era rápido, mas lhe faltava energia. E Gage, bem... Gage atacava a água como se estivesse lutando contra ela.

Cal se preocupava com a possibilidade de algum dia ter que usar as técnicas de salvamento que o pai lhe ensinara na piscina da família para salvar Gage de afogamento... embora, na verdade, parte dele se empolgasse com essa ideia.

Estava imaginando isso, e como Gage e Fox o olhariam com gratidão e admiração, quando uma mão agarrou seu tornozelo e o puxou para debaixo da água.

Embora soubesse que era Fox, seu coração foi parar na garganta quando a água se fechou sobre sua cabeça. Debateu-se, esquecendo-se de todo o seu treinamento naquele primeiro instante de pânico. Enquanto chutava a mão que segurava seu tornozelo e reunia forças para subir à superfície, viu um movimento à esquerda.

Aquilo, *ela*, parecia deslizar na água na direção dele. Seus cabelos se moviam para trás de seu rosto branco e seus olhos eram negros como cavernas. Quando ela estendeu a mão, Cal abriu a boca para gritar. Engolindo água, conseguiu chegar à superfície.

Ouviu risadinhas ecoando com a música do velho radinho que seu pai

às vezes usava. Com o terror ardendo em sua garganta, nadou estabanadamente até a beira do lago.

– Eu a vi, eu a vi na água, eu a vi! – disse enquanto tentava subir.

Em sua mente ela o perseguiu, rápida como um tubarão. Viu a boca aberta, os dentes brilhantes afiados como facas.

– Saiam! Saiam da água! – Ofegando, arrastou-se sobre as plantas e, ao se virar, viu os amigos parados no lago. – Ela está na água. – Ele quase soluçou, arrastando-se para procurar seus óculos no tênis. – Eu a vi. Saiam logo!

– Aaah, o fantasma! Socorro, socorro!

Com um fingido gorgolejo, Fox afundou.

Cal se levantou e cerrou os punhos ao lado do corpo. Fúria e terror fizeram sua voz chicotear o ar parado do verão.

– Saiam da droga do lago!

O sorriso no rosto de Gage desapareceu. Com os olhos apertados e fixos em Cal, agarrou Fox pelo braço quando ele veio à tona rindo.

– Vamos sair.

– Sem essa. Ele só está nervoso porque eu o afundei.

– Ele não está brincando.

Fox viu a expressão de Cal. Depois, disparou para a margem, assustado o bastante para olhar cautelosamente algumas vezes por cima do ombro. Gage o seguiu em um descuidado nado cachorrinho que fez Cal pensar que ele desafiava algo a acontecer.

Quando seus amigos saíram do lago, Cal desabou no chão. Dobrando as pernas, encostou a testa nos joelhos e começou a tremer.

– Caramba! – Com a roupa de baixo pingando, Fox mudou o peso do corpo de um pé para o outro. – Eu o puxei e você endoidou. Só estávamos brincando.

– Eu a vi.

Fox se agachou e afastou os cabelos molhados do rosto.

– Cara, você não consegue ver nada sem seus óculos fundo de garrafa.

– Cale a boca, O’Dell. – Gage se agachou. – O que você viu, Cal?

– Ela. Com os cabelos ondulando ao redor e os olhos... Ah, cara, eram negros como os da fera de *Tubarão*. Ela estava com um vestido largo, de mangas compridas e tudo, e estendeu a mão como se fosse me agarrar...

– Com seus dedos ossudos – intrometeu-se Fox, longe de transmitir o desdém que pretendia.

– Não eram ossudos. – Cal ergueu a cabeça. Por trás das lentes, seus olhos estavam assustados. – Achei que seriam, mas ela parecia muito... real. Não como um fantasma ou um esqueleto. Ah, cara, eu a vi. Não estou inventando isso.

– Bem... – Fox se afastou mais um pouco do lago e praguejou, ofegante, quando arranhou seu antebraço nos espinhos dos frutos silvestres. – Droga, estou sangrando.

Fox pegou um punhado de plantas e limpou o sangue que escorria dos arranhões.

– Nem pense nisso. – Cal viu o modo como Gage examinava a água, com aquele brilho pensativo nos olhos de quem se perguntava o que iria acontecer. – Ninguém vai entrar lá. De qualquer maneira, você não nada bem o suficiente para tentar.

– Como pode ter sido o único que a viu?

– Não sei nem quero saber. Só quero sair daqui.

Cal ficou de pé de um pulo e pegou suas calças. Antes de vesti-las, viu as costas de Gage.

– Minha nossa! Suas costas estão bem machucadas.

– O velho encheu a cara na noite passada. Não é nada.

– Cara, deve estar doendo.

– A água melhorou a dor.

– Eu trouxe meu kit de primeiros socorros – começou Cal, mas Gage o interrompeu:

– Já disse que não é nada. – Ele pegou sua camisa e a vestiu. – Se vocês dois não têm colhões para entrar de novo no lago e ver o que acontece, bem que poderíamos seguir em frente.

– Eu não tenho – disse Cal, de forma tão impassível que Gage deu uma risada.

– Então vista as calças para eu não ter que me perguntar o que é isso pendurado entre suas pernas.

Como o incidente no lago e os machucados nas costas de Gage eram assuntos proibidos naquele momento, não falaram sobre eles. Em vez disso, com os cabelos ainda pingando, retomaram a caminhada, comendo bolinhos e dividindo uma lata de refrigerante quente.

No meio do caminho, a mente de Cal voltou para o lago. Por que só ele a vira? Como podia ter visto o rosto dela tão claramente se seus óculos es-

tavam enfiados no tênis? A cada passo que dava para longe do lago ficava mais fácil se convencer de que imaginara aquilo.

Não que ele fosse *algum dia* admitir que talvez tivesse apenas surtado.

O calor secou sua pele úmida, fazendo-o suar e se perguntar como Gage conseguia aguentar a camisa colada nas costas feridas. Porque, puxa vida, aquelas marcas estavam vermelhas e inchadas. Aquilo realmente devia doer. Ele já tinha visto Gage depois de algumas surras dadas pelo velho Turner, mas nunca algo tão intenso. Desejou que Gage o deixasse aplicar um pouco de sálvia nas costas.

E se aquilo infeccionasse? E se Gage tivesse septicemia, delírios ou algo assim quando chegassem à Pedra Pagã? Teria que mandar Fox pedir ajuda. Sim, era isso que faria! Mandar Fox pedir ajuda enquanto ficava com Gage, tratava seus ferimentos e lhe dava algo para beber a fim de que não se desidratasse.

É claro que todos estariam ferrados quando o pai fosse buscá-los, mas Gage ficaria melhor. Talvez prendessem o pai dele. Então o que aconteceria? Gage teria que ir para um orfanato? Pensar nisso era quase tão assustador quanto pensar na mulher no lago.

Eles pararam para descansar à sombra de uma árvore e dividiram um dos cigarros que Gage roubara. Os cigarros sempre deixavam Cal tonto, mas era bom se sentar ali perto das árvores com a água escorrendo nas pedras atrás deles e um bando de pássaros malucos gritando uns para os outros.

– A gente podia acampar aqui – disse Cal meio para si mesmo.

– De jeito nenhum. – Fox deu um soco no ombro dele. – Vamos fazer 10 anos na Pedra Pagã. Não mudaremos o plano. Chegaremos lá em menos de uma hora. Certo, Gage?

Gage olhou para cima, por entre a copa das árvores.

– Sim. Andaríamos mais rápido se vocês não tivessem trazido tantas coisas.

– Eu não vi você recusar o bolinho – lembrou-o Fox.

– Ninguém recusa bolinhos! – Ele apagou o cigarro e depois colocou uma pedra sobre a guimba. – Hora de partir, tropa.

Ninguém ia àquela floresta. Bem, Cal sabia que isso não era verdade. Os caçadores iam lá na temporada de caça a cervos. Mas *parecia* que ninguém ia. Sentira o mesmo nas duas outras vezes em que fora convencido a ir à

Pedra Pagã. E nessas duas ocasiões eles haviam partido de manhã em vez de ir à tarde, e voltado antes das duas.

Agora, segundo seu relógio, eram quase quatro. Apesar dos bolinhos, seu estômago roncava. Desejou parar de novo e ver o que a mãe pusera na maldita cesta. Mas Gage estava seguindo em frente, ansioso por chegar à Pedra Pagã.

A terra na clareira parecia queimada, como se um incêndio tivesse se alastrado pelas árvores e as transformado em cinzas. Formava um círculo quase perfeito, rodeado por carvalhos e arbustos de frutos silvestres. No centro havia uma única pedra achatada, que se projetava uns 60 centímetros para fora da terra queimada.

Alguns diziam que era um altar.

Nas poucas ocasiões em que falavam sobre o assunto, as pessoas contavam que a Pedra Pagã era apenas uma grande rocha que se projetava do chão, colorido por causa de minerais, um riacho subterrâneo ou talvez cavernas.

Mas outras pessoas, geralmente mais dispostas a falar sobre isso, mencionavam que era o lugar do povoado original de Hawkins Hollow e comentavam sobre a noite em que treze pessoas morreram queimadas vivas naquela clareira. Algumas afirmavam que era caso de bruxaria, outras apostavam em adoração ao demônio. Uma terceira teoria dizia que um bando de índios hostis as havia matado e depois queimado os corpos. Mas fosse qual fosse a teoria, a pedra cinza se erguia da terra cor de fuligem como um monumento.

– Conseguimos! – Fox largou a mochila e a sacola para correr até a pedra e dançar ao redor dela. – Isso não é legal? Não é legal? Ninguém sabe onde estamos. E temos a noite *toda* para fazer o que quisermos.

– Tudo o que quisermos no meio da floresta – acrescentou Cal. – Sem televisão ou geladeira.

Fox inclinou a cabeça para trás e deu um grito que ecoou ao longe.

– Estão vendo isso? Ninguém pode nos ouvir. Poderíamos ser atacados por mutantes, ninjas ou alienígenas que ninguém nos ouviria.

Isso, percebeu Cal, não ajudava nem um pouco a acalmar seu estômago.

– Precisamos arranjar lenha para uma fogueira.

– O escoteiro está certo – decidiu Gage. – Vão procurar lenha. Eu vou pôr as cervejas e os refrigerantes no riacho. Para resfriar as latas.

Do seu modo ordeiro, Cal organizou o acampamento. Comida em uma área, roupas em outra, ferramentas em uma terceira. Com a faca de escopeiro e a bússola em seu bolso, foi apanhar alguns gravetos. Os arbustos espinhosos o espetavam e arranhavam à medida que andava. Com os braços cheios, não viu quando algumas gotas de seu sangue pingaram no chão na beira do círculo... ou o modo como o sangue chiou, fumegou e depois foi sugado por aquela terra marcada.

Fox pôs o radinho no chão e eles montaram o acampamento ouvindo Madonna e U2. Seguindo o conselho de Cal, fizeram a fogueira, mas não a acenderam enquanto ainda havia sol.

Suados e sujos, sentaram-se no chão e examinaram a cesta de piquenique com mãos encardidas e apetites enormes. Quando a comida e os sabores familiares encheram sua barriga e acalmaram seu organismo, Cal concluiu que valera a pena carregar o peso por algumas horas.

Satisfeitos, os três se deitaram de costas com os rostos virados para o céu.

– Vocês realmente acham que todas aquelas pessoas morreram bem aqui? – perguntou Gage.

– Há livros sobre isso na biblioteca – disse Cal. – Sobre um incêndio de “origem desconhecida” que queimou as pessoas.

– Que lugar estranho para elas estarem.

– Nós estamos aqui.

Ao ouvir isso, Gage apenas resmungou.

– Minha mãe disse que os primeiros brancos que se instalaram aqui eram puritanos. – Fox fez uma grande bola cor-de-rosa com o chiclete que comprara no mercado. – Puritanos radicais ou algo do tipo. Vieram para cá em busca de liberdade religiosa, mas na verdade isso significava liberdade apenas para os que seguissem a religião deles. Minha mãe diz que muitas pessoas são assim. Não entendo isso.

Gage achou que entendia ou pelo menos em parte.

– Muitas pessoas são más e se consideram melhores do que você.

Gage via isso o tempo todo no modo como olhavam para ele.

– Mas vocês acham que eram bruxos? As pessoas de Hollow naquela época os queimaram na fogueira? – Fox se virou de barriga para baixo. – Minha mãe disse que bruxaria também é uma espécie de religião.

– Sua mãe é doida.

Como foi Gage quem disse isso, e o fez em tom de brincadeira, Fox sorriu.

– Somos todos doidos.

– Acho que isso pede uma cerveja. – Gage se levantou. – Vamos dividir uma e deixar as outras gelarem.

Enquanto Gage ia para o lago, Cal e Fox trocaram olhares.

– Você já bebeu cerveja? – quis saber Cal.

– Não. E você?

– Está brincando? Só posso tomar Coca-Cola em ocasiões especiais. E se ficarmos bêbados, desmaiarmos ou algo assim?

– Às vezes meu pai bebe cerveja. Acho que ele não fica bêbado.

Eles se calaram quando Gage voltou com a lata pingando.

– Bem, isto é para comemorarmos o fato de que deixaremos de ser crianças à meia-noite.

– Talvez só devêssemos beber à meia-noite – deduziu Cal.

– Beberemos a segunda depois. Isso é como... um ritual.

O som da lata sendo aberta ecoou na floresta silenciosa, um rápido estalo, quase tão chocante para Cal quanto um tiro poderia ter sido. Ele cheirou a cerveja imediatamente e se surpreendeu ao sentir um aroma amargo. Perguntou-se se o sabor era igual.

Gage ergueu a lata, alto, como se empunhasse uma espada. Depois a abaixou e deu um longo gole. Não escondeu sua reação, uma careta, como se tivesse engolido algo estranho e desagradável. Suas bochechas estavam coradas quando ele deu um curto suspiro.

– Ainda está bastante quente, mas... – Ele tossiu uma vez. – Mas é boa. Agora vocês.

Passou a lata para Fox. Encolhendo os ombros, Fox a pegou, imitando o movimento de Gage. Todos sabiam que, se houvesse algo parecido com um desafio, Fox aceitaria.

– Argh. Tem gosto de xixi.

– Você anda bebendo xixi ultimamente?

Fox riu da pergunta e passou a lata para Cal.

– Sua vez.

Cal examinou a lata. Um gole de cerveja não iria matá-lo ou algo assim. Então prendeu a respiração e bebeu. Aquilo fez seu estômago se revirar e seus olhos lacrimejarem. Ele devolveu a lata para Gage.

– Realmente tem gosto de xixi.

– Acho que as pessoas não bebem isso por causa do gosto, mas por causa de como as faz se sentir.

Gage deu outro gole, porque queria saber como iria se sentir. Eles ficaram sentados com as pernas cruzadas na clareira circular, os joelhos de um se encostando nos do outro, passando a cerveja de mão em mão.

O estômago de Cal girou, mas ele não ficou enjoado, não exatamente. Sua cabeça também girou, e isso o fez se sentir leve e divertido. E a cerveja encheu sua bexiga. Quando se levantou, o mundo inteiro girava, o que o fez rir sem parar enquanto cambaleava na direção de uma árvore.

Abriu seu zíper e apontou para a árvore, mas ela continuava a se mover.

Fox estava tentando acender um dos cigarros quando Cal voltou aos tropeções. Também passaram o cigarro ao redor até o estômago de Cal começar a se revirar. Ele se arrastou para longe para vomitar, voltou e ficou deitado, com os olhos fechados, desejando que o mundo ficasse parado de novo.

Sentiu-se como se estivesse novamente nadando no lago e sendo puxado aos poucos para o fundo. Quando voltou à superfície, o sol estava quase se pondo.

Ele relaxou, esperando não ficar nauseado de novo. Sentiu um pequeno vazio por dentro, mas não como se fosse vomitar. Viu Fox enroscado junto à pedra, dormindo. Engatinhou até a garrafa térmica e, ao tirar o gosto de vômito e cerveja da garganta, nunca se sentiu tão grato pela limonada da mãe.

Mais sóbrio, esfregou os olhos sob os óculos e viu Gage sentado olhando para a lenha da fogueira ainda não acesa.

– Bom dia, mocinha.

Com um fraco sorriso, Cal se aproximou.

– Não sei como acender esta coisa. Achei que já estava na hora, mas precisava de um escoteiro.

Cal pegou a caixa de fósforos que Gage lhe entregou e ateou fogo a vários pontos da pilha de folhas secas que pusera debaixo da madeira.

– Isso deve resolver. O vento está muito fraco e não há nada para pegar na clareira. Podemos alimentar o fogo quando precisarmos. Só não podemos nos esquecer de jogar terra na fogueira antes de ir embora amanhã.

– Você está bem?

– Sim. Acho que vomitei quase tudo.

– Eu não devia ter trazido a cerveja.

Cal ergueu um dos ombros e olhou de relance para Fox.

– Nós estamos bem e agora não precisamos nos perguntar qual é o gosto disso. Sabemos que tem gosto de xixi.

Gage riu um pouco.

– Isso não me fez me sentir malvado, como o meu pai. – Ele pegou um graveto e cutucou as pequenas chamas. – Queria saber se faria e pensei em experimentar com você e Fox. Vocês são meus melhores amigos, então eu podia testar sem problemas.

– Como você se sentiu?

– Com a cabeça doendo. Ainda dói um pouco. Não vomitei como você, mas estava com vontade de vomitar. Então bebi uma das Coca-Colas e melhorei. Por que ele bebe tanto se isso o faz se sentir assim?

– Eu não sei.

Gage pôs a cabeça sobre os joelhos.

– Ele estava chorando quando foi atrás de mim na noite passada. Ber-rando e chorando o tempo todo em que me bateu com o cinto. Por que alguém ia querer se sentir assim?

Tomando cuidado para evitar os machucados nas costas de Gage, Cal passou um dos braços por sobre o ombro dele. Gostaria de saber o que dizer.

– Assim que eu tiver idade suficiente, vou embora. Talvez entre para o Exército ou arranje um emprego em um navio cargueiro ou uma plataforma de petróleo.

Os olhos de Gage brilhavam quando ele ergueu a cabeça e Cal desviou o olhar porque sabia que o amigo estava chorando.

– Você pode ficar conosco quando precisar.

– Isso só pioraria as coisas quando eu voltasse. Mas vou fazer 10 anos daqui a algumas horas. E daqui a alguns anos serei tão grande quanto ele. Talvez maior. Então não vou deixar que venha atrás de mim. Não vou deixar que me bata. Dane-se. – Gage esfregou o rosto. – Vamos acordar o Fox. Ninguém vai dormir esta noite.

Fox gemeu, resmungou e se levantou para urinar e pegar uma Coca-Cola fresca no riacho. Eles a dividiram junto com outra rodada de bolinhos. E, por último, a *Penthouse*.

Cal já vira seios de mulher. Podiam ser vistos na *National Geographic*, na biblioteca, se você soubesse onde procurar. Mas aqueles eram... *diferentes*.

– Ei, rapazes, vocês algum dia já pensaram em fazer...? – perguntou Cal.

– Quem não pensou? – responderam ambos.

– Quem fizer primeiro tem que contar tudo para os outros dois – continuou Cal. – E o que fez e o que ela fez. Tudo. Peço um juramento.

Um juramento era sagrado. Gage cuspiu nas costas da mão e a estendeu. Fox bateu nela com sua palma, cuspiu nas costas da mão e Cal completou o contrato.

– E assim juramos – disseram juntos.

Eles se sentaram ao redor da fogueira e ficaram ali, olhando as estrelas e ouvindo o piar noturno de uma coruja no fundo da floresta. Com isso, a longa e suada caminhada, as aparições fantasmagóricas e o vômito de cerveja foram esquecidos.

– Deveríamos fazer isso todos os anos – decidiu Cal. – Mesmo quando formos velhos. Quando tivermos 30 e poucos anos. Nós três deveríamos vir aqui.

– Beber cerveja e olhar para fotos de mulheres peladas! – acrescentou Fox. – Eu posso...

– Não – disse Gage incisivamente. – Não posso jurar. Não sei para onde vou, mas será outro lugar. Não sei se algum dia voltarei.

– Então iremos para onde você estiver, quando pudermos. Sempre sere-mos melhores amigos.

Nada mudaria isso, pensou Cal, jurando para si mesmo. *Nada conseguiria mudar isso*. Ele olhou para seu relógio.

– Logo será meia-noite. Tenho uma ideia.

Pegou seu canivete de escoteiro e, abrindo a lâmina, a estendeu sobre o fogo.

– O que está fazendo? – quis saber Fox.

– Eu a estou esterilizando. Como que... a purificando. – A faca ficou tão quente que ele teve que puxá-la de volta e assoprar os dedos. – É como o que Gage disse sobre ritual e esse tipo de coisa. Dez anos é uma década. A gente se conhece quase desde sempre. Nascemos no mesmo dia. Isso nos torna... diferentes – disse ele, procurando palavras das quais não estava bem certo. – Acho que especiais. Somos mais que melhores amigos. Somos como irmãos.

Gage olhou para a faca e depois para o rosto de Cal.

– Irmãos de sangue.

– Sim.

– Legal!

– À meia-noite – disse Cal. – Deveríamos fazer isso à meia-noite e ter algumas palavras para dizer.

– Faremos um juramento – disse Gage. – Misturamos nossos três sangues em um? Algo assim. Um juramento de lealdade.

– Está bom. Anote isso, Cal.

Cal tirou papel e lápis de sua mochila.

– Vamos escrever as palavras e dizê-las juntos. Então vamos fazer um juramento de sangue. Eu tenho curativos para o caso de precisarmos depois.

Cal escreveu as palavras com seu lápis número dois no papel timbrado, riscando-as quando mudavam de ideia. Fox pôs mais lenha na fogueira para que crepitasse quando estivessem junto à Pedra Pagã.

Momentos antes da meia-noite, eles se levantaram, três garotos com os rostos iluminados pelo fogo e pela luz das estrelas. Quando Gage fez um sinal com a cabeça, falaram juntos com vozes solenes e extremamente jovens:

– Nós nascemos dez anos atrás, na mesma noite, na mesma hora, no mesmo ano. Somos irmãos. Na Pedra Pagã juramos lealdade, verdade e fraternidade. Misturamos aqui nosso sangue.

Cal conteve a respiração e reuniu coragem para passar a faca em seu pulso primeiro.

– Ai.

– Misturamos nosso sangue.

Fox cerrou os dentes enquanto Cal lhe cortava o pulso.

– Misturamos nosso sangue.

Gage ficou impassível enquanto a faca passava por sua pele.

– Três em um e um em três.

Cal estendeu o braço. Fox e depois Gage esfregaram seus pulsos marcados no dele.

– Irmãos em espírito e mente. Irmãos de sangue para todo o sempre.

Enquanto estavam em pé, nuvens se agitaram, encobrendo a enorme lua e ofuscando o brilho das estrelas. O sangue deles, misturado, pingou e caiu no chão queimado.

O vento uivou furioso. As chamas da pequena fogueira se ergueram como uma torre. Os três foram erguidos e depois arremessados. Houve uma explosão de luz, como se as estrelas tivessem se despedaçado.

Ao abrir a boca para gritar, Cal sentiu algo entrar nele, algo quente e forte, asfixiando seus pulmões, apertando seu coração e lhe causando uma dor torturante.

A luz desapareceu. Na densa escuridão, soprou um vento gelado que lhe entorpeceu a pele. O som que o vento fazia agora era como o de um animal, um monstro que só habitava os livros. O chão estremeceu debaixo dele, lançando-o para trás enquanto tentava se arrastar para longe.

E algo saiu daquela escuridão gelada, daquele chão que tremia. Algo enorme e horrível. Olhos injetados e cheios de... fome. Olhou para ele. E quando sorriu, seus dentes brilharam como espadas de prata. Ele achou que havia morrido, que aquilo o engolira de uma vez só. Mas, quando voltou a si, ouviu os batimentos de seu coração e os gritos e chamados de seus amigos.

Irmãos de sangue.

– O que foi aquilo? Você viu? – gritou Fox com uma voz aguda. – Gage, meu Deus, seu nariz está sangrando.

– O seu também. Alguma coisa... Cal! Meu Deus, Cal!

Cal estava estendido de barriga para cima. Sentia o calor do sangue em seu rosto e estava entorpecido demais para se assustar com isso.

– Não consigo ver – sussurrou fracamente. – Não consigo ver.

– Seus óculos estão quebrados. – Com o rosto sujo de fuligem e sangue, Fox se arrastou até ele. – Uma das lentes rachou. Cara, sua mãe vai matar você!

– Quebrados? – Tremendo, Cal estendeu a mão para tirar os óculos.

– Alguma coisa. Alguma coisa estava aqui. – Gage agarrou o ombro de Cal. – Eu senti algo acontecer dentro de mim. Então... vocês dois viram? Viram aquela coisa?

– Eu vi os olhos dela – disse Fox. – Temos que sair daqui. Agora!

– Para onde? – Gage quis saber. Embora ainda estivesse com dificuldade para respirar, pegou a faca de Cal no chão e a agarrou com força. – Não sabemos para onde aquilo foi. Era algum tipo de urso? Era...?

– Não era um urso – garantiu Cal. – Era o que já estava neste lugar, havia muito tempo. Posso vê-lo... posso vê-lo. Antes parecia um homem quando queria. Mas não era.

– Cara, você bateu com a cabeça.

Cal virou os olhos para Fox. Suas íris estavam quase negras.

– Posso vê-lo, e ver o outro. – Ele abriu a mão do pulso que cortara. Nela havia um pedaço de pedra verde manchada de vermelho. – Ele.

Fox e Gage abriram suas mãos. Em cada uma havia um terço idêntico da pedra.

– O que é isso? – sussurrou Gage. – De onde diabo veio?

– Eu não sei, mas é nosso agora. Três em um e um em três. Acho que libertamos alguma coisa. E algo veio junto. Algo ruim. Posso sentir.

Ele fechou os olhos por um momento e depois os abriu para encarar seus amigos.

– Na verdade, posso vê-lo, mas não com os meus óculos. Posso vê-lo sem eles. Não está turvo. Consigo enxergar sem meus óculos!

– Ué...

Tremendo, Gage ergueu sua camisa e se virou.

– Cara, seus machucados desapareceram. – Fox esticou o braço e tocou as costas sem marcas de Gage. – Eles simplesmente desapareceram. E...

– Ele estendeu seu pulso, onde o raso corte já estava fechando. – Minha nossa, agora somos super-heróis?

– Era um demônio – disse Cal. – E nós o libertamos.

– Droga. – Gage olhou para a floresta escura. – Feliz aniversário para nós.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br